

Memória, Ficção e Imaginação na Escrita da Cadeia: Apontamentos sobre um Manuscrito de Graciliano Ramos

Daniela Birman¹

Resumo: Neste artigo, iremos explorar os vínculos da ficção e da imaginação com as memórias da cadeia de Graciliano Ramos. Para isto, partiremos de um antigo testemunho manuscrito do autor, supostamente datado de 1937, no qual Graciliano reflete sobre “certas coincidências” envolvendo a ideia da prisão: obsessão do personagem Luís da Silva que acaba por se concretizar em sua própria vida. Ao explorarmos os citados vínculos, nos apoiaremos ainda em um segundo manuscrito do escritor, referente ao infantil *A terra dos meninos pelados*.

Palavras-chave: Graciliano Ramos. *Memórias do cárcere*. Manuscrito. *Angústia*. *A terra dos meninos pelados*.

Abstract: In this article, we will explore the connections of fiction and imagination with the memorial's narrative of Graciliano Ramos's experience in jail. For this, we depart from an ancient manuscript of the author testimony from prison, probably appeared in 1937 in which Graciliano reflects on “certain coincidences” involving the idea of prison: the obsession of the Luis da Silva's character which ultimately realized in your own life. Yet, by reflecting on the connections indicated above, we will find support in second manuscript notes of the writer, referring to *A terra do meninos pelados*.

Keywords: Graciliano Ramos. *Memórias do cárcere*. Manuscript. *Angústia*. *A terra dos meninos pelados*.

Tudo, aliás, é a ponta de um mistério. Inclusive, os fatos. Ou a ausência deles. Duvida? Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo (Guimarães Rosa, “O espelho”. *Primeiras histórias*).

¹ Professora de Literatura Brasileira da Unicamp. Desenvolveu nesta mesma instituição o estudo de pós-doutorado intitulado “Confinados: escrita e experiência do cárcere em Lima Barreto e Graciliano Ramos”, com apoio da FAPESP.

Introdução

Duas obsessões do personagem Luís da Silva, a cadeia e a ideia de escrever um livro “além das grades”, acabaram por se repetir, diferencialmente, na vida de Graciliano Ramos. A “coincidência”, evidentemente, não passará despercebida pelo autor. Num testemunho manuscrito que nos deixou sobre a prisão, Graciliano refletirá brevemente sobre ela. Recusando-se a acreditar em “presságios”, ele relembra como, ao se dedicar à redação de *Angústia*, esforçou-se, em vão, para se livrar das “grades pretas e sujas”. “[...] a desagradável constante resistiu e tornou-se preponderante na orientação do romance”, conclui o autor no citado documento, supostamente datado de 1937.²

Invertendo uma questão cara à fortuna crítica de Graciliano Ramos, aquela a respeito do material de sua ficção, recolhido em parte na experiência do autor, este exemplo, segundo buscaremos sustentar, nos permite explorar, em sentido contrário, a relação entre imaginação, ficção e memória, indagando sobre o papel das duas primeiras na consolidação da última. Ao seguirmos este caminho, opomo-nos à leitura que, ao identificar a presença da memória na obra romanesca de Graciliano, examina esta última como documento, operação característica de um campo literário marcado pela divisão entre “confissão” e “ficção”.

² Este manuscrito não é, evidentemente, aquele no qual se apoiou a publicação das *Memórias do cárcere*. Este livro se baseia na cópia datilografada que se encontra hoje guardada na Fundação Casa de Rui Barbosa (ver MIRANDA, 2008). Já o documento faz parte do Arquivo Graciliano Ramos do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP). Ele possui 11 folhas, utilizadas nos dois lados, e divide-se em três capítulos, numerados em romano. O documento íntegro, neste arquivo, o conjunto de manuscritos referentes às *Memórias do cárcere*, no qual ele é indicado como uma “versão não publicada”. Abrangendo o período de 1937 a 1951, o conjunto é composto por cerca de 450 folhas que incluem registros distintos, apontados como versões-base para publicação, fragmento da versão publicada, entre outras descrições. Ao mencionarmos uma data para o documento aqui examinado, baseamo-nos no *Catálogo de Manuscritos do Arquivo Graciliano Ramos* (LIMA; REIS, 1992). Com efeito, este indica, por meio de nota de seus pesquisadores, o ano de 1937 para o documento, suposto por referências no texto. Deste modo, ainda que o manuscrito não esteja datado, assinalamos o ano de 1937 em todas as citações que fazemos a ele no corpo de nosso artigo. Lembramos ainda que, em sua biografia do escritor, Dênis de Moraes, ao se referir ao ensaio de redação das memórias da cadeia, em 1937, menciona, entre outros documentos, este esboço da “versão inicial dos três primeiros capítulos do volume I” (MORAES, 2012, p. 216). Ressaltamos, por fim, que ao reproduzirmos ao longo do texto trechos do manuscrito de Graciliano Ramos enfocado neste trabalho, atualizamos, sempre que necessário, sua ortografia. Eventuais correções também foram realizadas.

Para realizarmos esta análise, deteremo-nos, inicialmente, no testemunho manuscrito que traz a citada reflexão do autor sobre a repetição da obra ficcional em sua vida. Ao apresentarmos este documento, daremos especial atenção à abertura do texto, capítulo no qual o escritor discute os principais empecilhos a serem por ele enfrentados na escrita de sua memória da cadeia e nos conta quais foram os únicos manuscritos que ele trouxe da prisão. Bastante diferentes entre eles, estes escritos, formados por assinaturas, contos e um “pequeno vocabulário de malandros”, segundo sugeriremos, devem ter formado uma memória inicial na qual ele iria se apoiar para articular os acontecimentos vividos na cadeia. A consolidação desta memória teria sido atravessada, desse modo, não por narrativas “puras”, mas antes incluiria a escrita ficcional e imaginativa.

Após termos brevemente exposto este testemunho inicial de Graciliano sobre a prisão, indicando semelhanças e diferenças entre este documento e as *Memórias do cárcere*, trataremos da instigante passagem na qual o autor menciona “certas coincidências” entre a sua vida e aquela de Luís da Silva. Em seguida, enfatizaremos os vínculos entre ficção, imaginação e memória na produção do autor, apresentando um segundo manuscrito de Graciliano, referente à história infantil *A terra dos meninos pelados*. Mais uma vez, buscaremos mostrar como a ficção pode ser compreendida como suporte para a elaboração e constituição da memória da cadeia.

O documento

É um erro supor que aquilo (a prisão) nos produz medo e nos torna razoáveis e bem-comportados. Produz irritação e desespero, desespero e irritação que levam à revolta e ao suicídio. [...] A prisão só seria eficiente se fosse como o inferno, qualquer coisa medonha e inatingível (RAMOS, 1937).

Logo de início, chama-nos a atenção, no manuscrito sobre a cadeia, a precoce e acurada consciência demonstrada por Graciliano Ramos dos obstáculos com os quais lidará na elaboração das suas

memórias. E de fato, já neste documento, supostamente datado de 1937, o autor expõe, assim como fará no livro publicado mais de 15 anos depois, a série de oposições por ele encaradas em sua tarefa: a perda das notas tomadas na prisão; o dever de narrar, e a aguda dificuldade em fazê-lo; a escolha pelo uso da primeira pessoa do singular no seu relato; o esforço em compreender companheiros tão diferentes dele próprio; o assumido ponto de vista perspectivo na orientação de suas memórias.³

Diante desses empecilhos, ele levanta a dúvida com qual inicia seu texto: “Serei capaz de arrumar direito no papel os fatos estranhos que se passaram comigo nesses onze meses de sofrimento? Acho que não sou capaz. Por isso hesitei muito tempo e agarrei-me a pretextos mais ou menos fúteis [...]” (RAMOS, 1937). E Graciliano retoma, desse modo, a indagação que possivelmente continuará a atormentá-lo durante anos, pelo menos até que conseguisse prosseguir ou concluir seu depoimento. Mas apesar das perguntas e do tormento, ele percebe, já em 1937, não conseguir se livrar das lembranças da cadeia, fato que lhe provoca, ao mesmo tempo, alegria e decepção. “[...] o material que desejava aproveitar existia ainda, existia sempre na minha memória, era um tesouro que eu queria guardar com avareza, mas um tesouro de podridões. [...] Era necessário trazê-lo para cima, sujar as mãos naquelas imundícies [...]” (ibidem). A impossibilidade de afastar as recordações do seu “tesouro de podridões” reaviva, assim, a sensação de dever e o remorso. E mesmo obrigando-o a encarar a incerteza sobre sua capacidade de concretizar o trabalho, ela também lhe assegura da existência deste.

Além de mostrar a persistência de problemáticas que atravessarão a escrita da obra, o documento merece ser lido sob outro aspecto. Ele pode ser considerado, pois, um testemunho do estado apático e impotente em que se encontrava Graciliano naquele ano em que deixou o cárcere, momento de enfrentamento do “vazio” e da “escuridão” no “cérebro”, termos empregados pelo próprio autor no texto. Lembro,

³ A escrita das *Memórias do cárcere* se inicia efetivamente em janeiro de 1946, prosseguindo até 1º de setembro de 1951 (MORAES, 2012). O livro será lançado, em edição póstuma e incompleta, em 1953.

aqui, que Graciliano não redigiu o final das *Memórias do cárcere*, optando por não narrar sua saída da cadeia e seus primeiros dias de liberdade.⁴ E é justamente este momento aquele vivido pelo autor ao escrever o manuscrito. Ele reaprendia, pois, a ser livre, ainda que, evidentemente, não integralmente. A ditadura estava só no seu início e o escritor sabia bem, como nos recordará mais tarde em frase célebre, que “liberdade completa ninguém desfruta” (RAMOS, 2008, p. 12).

Movimentando-se de novo pela cidade, Graciliano dificilmente conseguiria romper com o impacto do recente aprisionamento, chegando a estremecer ao ver certas pessoas na rua, imaginando já ter estado em “contato com elas, que vão falar-me, restringir-me os movimentos, obrigar-me a viagens e a mudanças” (RAMOS, 1937). Um simples ato de determinação, como, por exemplo, o de ser atendido pelo motorista de táxi ao lhe passar o endereço de seu destino, causa-lhe surpresa.

Escrito sob o calor dos fatos, o texto é bastante diferente, nesse sentido, do depoimento consolidado nas *Memórias do cárcere*, redigido com um distanciamento temporal de cerca de dez anos. E esta característica pode ser tomada como um dos motivos de o autor tê-lo abandonado - ao lado de outros, claro, como as exigências financeiras, que lhe obrigavam a se ocupar com trabalhos diversos, e a ditadura vigente. De qualquer modo, a escrita sob a pressão do momento destoa da obra memorialística do escritor, realizada com grande afastamento temporal dos acontecimentos; de sua conhecida lentidão no ato de escrever; da objeção em fazer algo com “ares de reportagem” (RAMOS, 1937); da busca pela sedimentação da experiência na sua literatura.⁵

Articulando questões duradouras e efetuando um trabalho de memória distinto daquele que seria realizado na obra publicada, o

⁴ Embora não possamos assegurar que Graciliano Ramos tenha se decidido por deixar suas memórias incompletas, tendemos a acreditar nesta hipótese por motivos vários. Entre estes, estão o extenso adiamento do seu capítulo final – lembramos que o autor parou a escrita do livro em setembro de 1951, mais de um ano antes, portanto, de sua morte (cf. MORAES, 2012); os conflitos entre o escritor e o PCB a respeito das *Memórias do cárcere*, levando Graciliano a interromper, diante das censuras (veladas ou não) ao texto, mais de uma vez o trabalho de escrita (ver MORAES, 2012); a possível escolha por uma obra explicitamente aberta, perfurada em seu final. Sobre as sugestões da não conclusão desta narrativa e a ausência de uma palavra final, ver ainda Miranda (2009).

⁵ Cf., por exemplo, a aproximação estabelecida por Miranda (2009) entre o narrador das *Memórias do cárcere* e aquele de Walter Benjamin, entendido como capaz de partilhar experiências.

manuscrito revela também dois outros elementos que merecem ser destacados. O primeiro deles constitui o “pequeno vocabulário de malandros” que o autor afirma ter trazido da prisão, junto com os três contos lá redigidos e as assinaturas autógrafas de antigos colegas de cadeia.

Os contos e as assinaturas são conhecidos. Os primeiros integram hoje o volume *Insônia*, após terem saído inicialmente em outras publicações. Em dois deles, “Paulo” e “O relógio do hospital”, Graciliano recria as lembranças de sua internação hospitalar em 1932, que retornam com força na prisão. Repletas de relações com a experiência carcerária, as duas narrativas podem ter auxiliado o escritor não apenas a elaborar a situação de sofrimento físico experimentado cinco anos antes, mas também a formar uma memória do momento traumático do presente, atravessado por ele na cadeia.⁶ “As dores no pé da barriga e a dormência da coxa traziam-me ao espírito enfermeiros e serventes [...]. [...] achava-me na verdade perto disso”, escreve o autor nas *Memórias do cárcere* (RAMOS, 2008, p. 546).

Os autógrafos também são mencionados por Graciliano em suas memórias prisionais. Depois de ler na cadeia o romance *Usina*, presenteado por José Lins do Rego, ele decide encadernar o livro e recolher assinaturas de seus colegas nele. “Perdidas as notas, essas letras me avivariam recordações mais tarde”, justifica (RAMOS, 2008, p. 576). E, com efeito, ao reler estes nomes no quarto em que se hospeda, após sair do Complexo Frei Caneca, o escritor sente como se estivesse de novo junto à “sombra” onde seus companheiros se movimentam. Lendo os autógrafos, percebe tanto figuras apagadas quanto outras nítidas. “Irei chamá-las do fundo do cárcere, falarei com elas, as que ressaltam em primeiro plano e as que desbotaram na minha lembrança, as que me entraram no coração e as que se tornaram minhas inimigas” (RAMOS, 1937).

Reiterando o papel não desprezível que estes autógrafos devem ter exercido na elaboração do livro (que reúne mais de 200 “personagens”),

⁶ Para uma aproximação entre a experiência hospitalar e aquela da cadeia, cf. Wander Melo Miranda (2009). A respeito do apoio de Graciliano Ramos em uma situação radical vivida no passado para a elaboração do sofrimento do presente, ver Birman (2012).

lembro que Graciliano organizou, provavelmente preparando-se para a futura tarefa de escrita, cinco relações de nomes.⁷ Duas destas listas, de acordo com o *Catálogo de Manuscritos do Arquivo Graciliano Ramos* (LIMA; REIS, 1992), são relativas ao primeiro volume da edição original da obra intitulada “Viagens” (1953). Uma traz escrito no seu alto: “Alagoas”, estado em que a narrativa se inicia e de onde vinha parte dos personagens que o autor encontrou ao longo da narrativa. Na outra lista, também lemos, em seu alto, uma indicação de procedência: “Rio-Grande-do-Norte”. Das outras três relações de nomes restantes, cada uma delas se refere a um dos volumes da primeira edição do livro, ainda segundo o citado catálogo. Todas trazem, em seu alto, um dos locais de aprisionamento do escritor: “Pavilhão dos Primários”, na Casa de Detenção; “Colônia Correccional”, referente à terrível prisão da Ilha Grande; e “Sala da Capela”, na Casa de Correção.

Já o citado “vocabulário de malandros” me parece novidade. Mesmo sem conhecermos o documento, podemos supor que este reunia termos e expressões da “prosa obscura” (RAMOS, 2008, p. 451) que emperrava as conversas de Graciliano com Gaúcho, ladrão com quem fizera amizade na Ilha Grande: “Gaúcho começou a procurar-me. A noite acocorava-se junto à minha esteira, [...] a entreter-me com a narração das suas complicadas aventuras. Esforçava-me por entendê-lo, às vezes o interrompia buscando compreender alguma expressão de gíria” (RAMOS, 2008, p. 451). Na Colônia Correccional, o escritor se tornaria também amigo de Cubano, preso que auxiliava os guardas na repressão e acabou por se mostrar detentor de uma “bondade estranha” (RAMOS, 2008, p. 462). Tendo tomado conhecimento de que Graciliano pretendia escrever um livro sobre a cadeia, Cubano o apresentou ainda a Paraíba, “vigarista” respeitado no seu meio por quem Graciliano não nutria a menor simpatia:

⁷ As memórias da cadeia de Graciliano Ramos trazem, ao todo, 237 personagens, segundo levantamento realizado por Nelson Pereira dos Santos e citado por Dênis de Moraes (2012, p. 218). As cinco relações de nomes aqui citadas estão disponíveis para consulta no Arquivo Graciliano Ramos do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP). Os documentos têm, ao todo, seis folhas. Há neles nomes que se repetem, aparecendo em mais de uma lista. Nenhum dos registros está datado ou traz indicação de localidade.

- Paraíba, disse o negro, aqui seu Fulano vai escrever uma história e vem pedir a você algumas informações.
- [...]
- Informações? estranhou Paraíba interrompendo os cochichos.
- Sim, coisas de vigarismo. Diga como é que você trabalha” (RAMOS, 2008, p. 486).

Assim, provavelmente extraído das conversas com Gaúcho, Cubano e Paraíba na Ilha Grande, o “vocabulário de malandros” deve ter auxiliado o escritor a relembrar os causos, os atritos e o companheirismo dos seus antigos colegas de cadeia, histórias que seriam posteriormente retransmitidas nas *Memórias do cárcere* e/ou no conto “Um ladrão” (RAMOS, 2003, p. 17-31). “Tenho agora diante dos olhos o pequeno vocabulário de malandros e as assinaturas de algumas dezenas de companheiros. Toda aquela gente começa a viver dentro de mim”, escreve no manuscrito de 1937.

É possível, porém, que o pequeno glossário não tenha sido redigido na Ilha Grande, uma vez que Graciliano abandonou na própria Colônia as notas ali tomadas, com receio de que estas fossem apreendidas na revista. Desse modo, podemos supor que ele foi escrito na Casa de Correção, último lugar de aprisionamento do autor. Teria sido lá, portanto, que além de ter criado os três contos e pedido os autógrafos dos companheiros no exemplar de *Usina*, Graciliano teria lembrado e redigido as gírias e expressões aprendidas com os antigos colegas da ilha.⁸ Estas anotações e narrativas esparsas, somadas ao “tesouro de podridões” que ele carregava, formavam a memória à qual o autor iria recorrer e consolidar para transmitir sua experiência da cadeia.

⁸ A problemática das gírias da cadeia, vale lembrar, já tem percurso na nossa literatura carcerária. Esta se faz presente tanto na escrita de “presos políticos” que dividem o espaço prisional com os chamados “presos comuns”, convivendo com o jargão próprio destes e da polícia, quanto naquela destes últimos. Em obra que denuncia as condições carcerárias dos últimos dois anos do governo Artur Bernardes (1924-1926), por exemplo, o jornalista e militante pioneiro do movimento operário Everardo Dias dedica um pequeno capítulo, de três páginas, às gírias das prisões. Neste, ele expõe o significado de uma série de termos originado do “vocabulário completamente ignorado e desconhecido no meio em que vivemos” (DIAS, 1927, p. 119). As formas e os sentidos do emprego da “linguagem da cadeia” também constitui elemento indispensável à análise de obras da chamada literatura carcerária contemporânea, de autoria dos “presos comuns”. Para uma análise de quatro títulos desta literatura carcerária contemporânea, publicados entre 2000 e 2001, ver Palmeira (2009).

“Coincidências” entre vida e obra

O segundo elemento do manuscrito de 1937 a ser destacado ganhará aqui exame mais detido. Trata-se da menção de Graciliano a “coincidências” entre sua vida e obra. Vale a pena reproduzir a passagem:

Se eu acreditasse em presságios, diria que um aviso misterioso me perturbou o sossego durante meses. É estranho como certas coincidências tomam vulto e nos levam a fantasiar absurdos. Muito antes que essa transformação (a cadeia) se operasse na minha vida, num tempo em que de forma nenhuma eu podia prever semelhantes ocorrências, a ideia da prisão começou a perseguir-me e tornou-se quase uma obsessão. Numa história que então escrevi as grades pretas e sujas aparecem com insistência espantosa. Aquilo me irritava. Muitas vezes tentei libertar-me disso, mas a desagradável constante resistiu e tornou-se preponderante na orientação do romance. Naturalmente eu não podia supor que ia familiarizar-me com as grades. Percebo agora que naquele tempo a minha imaginação funcionava à toa. Grades úmidas e frias, pedras sujas. Com tão pouco não se poderia construir nada. Nenhuma criatura existia realmente nesses lugares, que eu conhecia mal (RAMOS, 1937).

Pouco após retomar sua liberdade, Graciliano se detém, assim, nas conexões entre o livro concluído no dia do seu aprisionamento — no qual o protagonista, Luís da Silva, encontra-se obcecado pela cadeia e pela ideia de “escrever um romance além das grades úmidas e pretas” (RAMOS, 2008, p. 24) — e seu próprio encarceramento, durante o qual foi lançado *Angústia*. Se já é bastante conhecida pela crítica a fonte da experiência e da memória nos romances de Graciliano, o que chama a atenção aqui é a repetição da obra na vida, invertendo a ordem de uma equação incessantemente reproduzida. Sem buscar interpretar mistérios e “fantasiar absurdos”, o que o próprio autor recusa, este exemplo pode nos ajudar a examinar melhor o emaranhado entre ficção, memória e imaginação na produção do escritor. Ele reforçaria, pois, segundo buscamos sustentar aqui, a objeção à redução da sobreposição da

memória e do romance a uma literatura entendida como documental, caracterização típica de um campo literário marcado pela oposição entre “confissão” e “ficção”.

Lembramos ainda que, ao criar, na ficção, um mundo que se tornou possível em sua própria vida, Graciliano não estava escrevendo sobre algo que julgava, ao menos conscientemente, verossímil acontecer com ele. Caso contrário, ao ser avisado por um ex-colega de trabalho de sua prisão iminente, em vez de colocar em dúvida que esta realmente se realizasse, é possível que seguisse o conselho de seu amigo e fugisse. “[...] a ideia que me veio, talvez um pouco extravagante, foi que a ameaça era enormemente ridícula e fugir dela seria tornar-me ridículo também”, relembra (RAMOS, 1937). A escolha de permanecer em casa, aguardando a concretização (ou não) do aviso, como hoje sabemos, não foi das mais acertadas. “Das tolices que tenho praticado foi esta a maior”, resume (RAMOS, 1937).

Não se tratou, portanto, de falta de aviso. Nem mesmo de conhecimento sobre o assunto. Graciliano Ramos havia se dedicado, para elaborar *Angústia*, ao estudo da criminologia, percorrendo à vontade, segundo conta seu filho Ricardo Ramos, sobre autores como Ferri, Beccaria, Lombroso e Garofalo (RAMOS, Ricardo, 2011, p. 137). Seu domínio sobre o tema não o impediu, contudo, de esquecer um princípio do qual indivíduos sem proteção social não costumam se descuidar: “a prova mais evidente da culpabilidade dum indivíduo é o fato de ele estar preso” (RAMOS, 1937). E assim, mesmo sem acreditar por completo, seu aprisionamento não só se realizou como durou muito mais tempo do que poderia supor. Julgando que este não estenderia nem mesmo por uma semana, Graciliano permaneceu confinado, sem processo, por dez meses. “Comecei a perceber que as minhas prerrogativas bestas de pequeno-burguês iam cessar, ou tinham cessado”, escreve já no terceiro capítulo das *Memórias do cárcere*, quando o tenente que lhe efetua a prisão aconselha-o a levar mais roupa (RAMOS, 2008, p. 27).

A coincidência entre obra e vida, a primeira se repetindo na segunda, parece nos fornecer, assim, não a evidência do caráter

confessional da ficção de Graciliano, mas a abertura de um mundo *possível e imaginário* que se tornou real no futuro após o livro – o escritor de província perseguido, concreta ou psicologicamente, pela polícia.

Criadora de novos mundos, a literatura não pode ser resumida ao laço, maior ou menor, que mantém com os campos de referência extratextuais. Isto mesmo quando “certas coincidências” se impõem. Sua especificidade, como nos mostra a teoria da ficção de Wolfgang Iser (1999, p. 67), pode ser identificada na “fusão do fictício e do imaginário”. Assim, para que esse mundo outro seja concebido, visualizado, o fictício precisa impelir o imaginário a assumir uma forma. Ele não exercerá, porém, nenhum controle sobre as operações realizadas pelo imaginário. Este se desdobra ao mesmo tempo *anulando* o que foi duplicado (como as realidades referenciais, cuja organização é cancelada, ou o mundo do texto, com seu caráter irreal explicitado) – “de modo que as possibilidades inerentes ao que é dado sejam liberadas” (ISER, 1999, p. 74) – e *substituindo* o que foi cancelado, “[...] o fictício permite ao imaginário expandir-se como decomposição e ‘possibilitação’ simultâneas” (ISER, 1999, p. 75).

Livre do controle do fictício, o imaginário acabou dando forma, em *Angústia*, à obsessão pela cadeia, à revelia da intenção do seu autor. Ao elaborar o romance, Graciliano não tinha, porém, como extrair da prisão a consistência desejada, de acordo com a avaliação do escritor: “Com tão pouco não se poderia construir nada” (RAMOS, 1937). E, assim, sem apoio na experiência da cadeia, a imaginação de Graciliano, segundo ele próprio, trabalhou “à toa”. Foi dessa forma, porém, que ela impôs a abertura de um terrível mundo ao protagonista Luís da Silva, mundo este que, mesmo desconhecido do autor, revelou-se certo, no livro e fora dele.

Graciliano Ramos, como sabemos, viverá o ano seguinte à conclusão do romance atrás das grades, período em que passará a conhecer os locais que perseguiam seu protagonista e reunirá material para outra obra. No entanto, segundo sugeriremos no próximo item, ao sedimentar sua memória da prisão, o autor também se apoiará na

ficção de Luís da Silva. A memória, neste caso, será atravessada por esta imaginação que “funcionava à toa”.

Graciliano, Luís da Silva e Raimundo

Outro exemplo intrigante do emaranhado entre vida e obra em Graciliano Ramos pode ser extraído de um manuscrito do primeiro livro escrito por ele ao deixar a prisão: *A terra dos meninos pelados*.⁹ Incentivado a concorrer ao prêmio de Literatura Infantil do Ministério da Educação e Saúde, o escritor redigiu esta narrativa ainda em 1937.¹⁰ Nela, as relações com a experiência atravessada recentemente são bastante evidentes (RAMOS, 1979, 1992). Isto não significa, porém, que ela deva ser lida na chave da “confissão”, segundo buscaremos sustentar a partir da apresentação de um detalhe do citado manuscrito.

Em *A terra dos meninos pelados*, Graciliano conta a história do menino Raimundo, que tem a cabeça pelada e um olho de cada cor. Perseguido pelos garotos da sua idade, Raimundo acaba descobrindo uma terra fantástica, na qual todos também são calvos e possuem os olhos iguais aos deles. Nela, mora a princesa “Caralâmpia”, personagem que cita explicitamente Nise da Silveira, antiga companheira de Graciliano, na Casa de Correção. Apelido desde os tempos de menina da psiquiatra alagoana, o nome “Caralâmpia” está ligado à potência imaginativa dela, à sua capacidade de se proteger em um outro mundo, quando o daqui apavora. E no livro de Graciliano, a princesa Caralâmpia tinha acabado de chegar justamente de um lugar bastante diferente da sua fantástica terra. Nele, as árvores cresciam “com as folhas para baixo e as raízes para cima” (RAMOS, 2007, p. 65); os homens, de duas cabeças, tinham oito olhos, “uma boca no peito” e “uma perna só” (RAMOS, 2007, p. 67).

Até aqui, mantemo-nos em referências ao vivido na prisão e/ou fora dela, como o estigma, a menção à psiquiatra alagoana e ao

⁹ Este manuscrito autógrafo também integra o Arquivo Graciliano Ramos do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP). O documento, com 19 folhas, não traz data nem indicação do local onde foi redigido.

¹⁰ Lembramos que, embora *A terra dos meninos pelados* só tenha saído em livro em 1939, a história foi premiada e, segundo afirmamos, escrita no mesmo ano em que Graciliano Ramos foi libertado, em 1937. Com ela, o autor obteve o terceiro lugar no citado concurso.

seu mundo-refúgio, a cabeça raspada, o tema do duplo. Seria possível permanecer, portanto, na equação que iguala a obra literária à experiência atravessada anteriormente, lendo-a a partir da ideia de “confissão”. Um pequeno detalhe do citado manuscrito embaralha, porém, esta passagem do “autobiográfico à literatura”. Neste, vemos escrito à mão, no alto da primeira folha, disposta como uma espécie de folha de rosto, em letra que se assemelha àquela do autor: “L. Silva”. Embaixo deste nome, que parece ser aquele do protagonista de *Angústia*, Luís da Silva, lemos, desta vez datilografado, o título com que o livro foi publicado, *A terra dos meninos pelados*. Este mesmo título será repetido, autografado, na página em que a narrativa se inicia.

Evidentemente não temos como alcançar com segurança os sentidos deste “L. Silva”, afirmando a existência de determinada intenção do autor por trás de sua inclusão ou descartando a existência de qualquer significado pertinente, supondo este autógrafo ser fruto de mero erro ou aproveitamento de papel anteriormente utilizado (ainda que, pela disposição do nome na página, esta última hipótese não nos pareça provável). Mas mesmo sem garantias, iremos atrás de algumas sugestões a respeito desta camada de escrita que carrega a inicial de Luís e o sobrenome do protagonista de *Angústia*.

E assim, perseguindo estas sugestões, podemos supor que o angustiado funcionário público dos anos 30 aparece neste manuscrito como autor, personagem e/ou título imaginários da história infantil sobre o preconceito e a exclusão. Neste caso não se trataria, mais uma vez, de mera transposição do vivido ao fictício, e sim de novos fios no emaranhado entre ficção e memória.

Tentemos, pois, ler o “L. Silva” como uma espécie de título imaginário ou menção ao personagem Raimundo, uma indicação que Graciliano poderia ter feito sem mesmo a intenção de tornar pública. Nela, ele sobrepõe dois personagens seus, Raimundo e Luís da Silva, que partilharam experiências similares, inclusive próximas à dele. A identificação, neste caso, do autor com o personagem concebido após a prisão parece ser atravessada pelo personagem inventado num momento

em que ele “não podia supor que ia familiarizar-me com as grades” (RAMOS, 1937). Esta passa, pois, pelo resultado de um processo de fusão do fictício e do imaginário livre de qualquer intenção confessional, no que diz respeito pelo menos à obsessão de Luís da Silva pela cadeia. A ficção que sugeriu um mundo possível e desconhecido do seu autor em *Angústia*, mundo este cuja realidade se sobrepôs à verossimilhança, torna-se veículo de compreensão e elaboração da experiência passada, suporte para elaboração e constituição da memória.

Outra possibilidade seria identificarmos em “L. da Silva” uma espécie de pseudônimo do autor. Por meio dele, Graciliano proporia um jogo (ainda que sem a intenção de torná-lo público) no qual um personagem inventado por ele próprio, cujo destino repetiu, ainda que diferenciadamente, assinaria sua obra de ficção. Ao fazer isto, ele intercala entre seu nome, sua assinatura e sua obra um segundo nome, somando assim mais uma camada ficcional à história do menino Raimundo. A ligação deste com o sujeito empírico e com o autor Graciliano Ramos seria atravessada então pelo escritor de província Luís da Silva.

Soldadas com mais esta camada de ficção, as relações da novela infanto-juvenil com a vida de Graciliano não poderão ser lidas de modo causal, direto, nem serem reduzidas à noção de “confissão”. Mais do que isto. O vínculo com a experiência da cadeia deverá ser examinado a partir de um ato de criação ficcional que inventou não apenas “a terra dos meninos pelados”, mas também o autor-personagem capaz de fabular aquela história. Ou seja: se há “confissão” de Graciliano, esta passa pela “confissão” de Luís da Silva. Assim, por um lado vida e obra são descoladas, saindo de uma relação direta e causal; por outro, elas se atam por meio da ficção, instrumento potente para a elaboração da memória.

Considerações finais

A imaginação que trabalhou, ao mesmo tempo certa e à toa em *Angústia*, fugindo à intenção de Graciliano Ramos, impôs a abertura do mundo prisional a Luís da Silva. Este funcionário público e escritor

de província não se tornou apenas obcecado pela ideia da cadeia, mas também por aquela de escrever um romance atrás das grades. “O livro só poderia ser escrito na prisão, em cima das pedras, na esteira, na rede, sob as cortinas de pucumã. Um livro escrito a lápis, nas margens de jornais velhos” (RAMOS, 2011, p. 219).

Ao ser preso, Graciliano também imagina, ingenuamente, que obteria, no cárcere, a tranquilidade necessária para revisar o então inédito romance *Angústia*, concluído no dia do seu confinamento. E apega-se ao desejo de “fazer um livro na cadeia” (RAMOS, 2008, p. 39). Ele não precisará de muito tempo, porém, para se deparar com a dificuldade gigantesca deste projeto: “Havia chumbo na minha cabeça”, resume (RAMOS, 2008, p. 78). Apesar disso, o escritor se empenhará em redigir suas notas da prisão, sendo obrigado a se livrar delas “num momento de aperto” (RAMOS, 2008, p. 14).

Graciliano Ramos deixou, portanto, o cárcere sem os seus apontamentos, carregando consigo apenas os três contos, as assinaturas de antigos companheiros e o “pequeno vocabulário de malandros”. Os dois últimos, como vimos, devem ter auxiliado o escritor a relembrar seus antigos companheiros, da Casa de Correção e da Ilha Grande. Podemos supor, no entanto, que ele se apoiou não apenas nestes registros para consolidar suas memórias carcerárias. Seguindo as conjecturas aqui expostas, o escritor teria ainda recorrido à ficção da cadeia. Esta incluiria tanto o romance escrito antes do seu confinamento quanto a história infantil composta já em liberdade e os dois contos do hospital, redigidos “atrás das grades”. Muito mais do que “confissão”, a memória não se confunde com a ficção, mas dialoga e se deixa atravessar por esta.

REFERÊNCIAS

BIRMAN, Daniela. Trauma e repetição: o sinistro e suas formas literárias em três momentos da nossa história. *Confluenze. Rivistadi Studi Iberoamericani*, Bolonha, v. 4, n. 2, p. 209-231, 2012.

- DIAS, Everardo. *Bastilhas modernas*. São Paulo: Ed. de Obras Sociais e Literárias, [1927].
- ISER, Wolfgang. O fictício e o imaginário. In: ROCHA, João Cezar de Castro (Org.). *Teoria da ficção: indagações à obra de Wolfgang Iser*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 65-77.
- LIMA, Yêdda Dias; REIS, Zenir Campos. *Catálogo de manuscritos do Arquivo Graciliano Ramos*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1992.
- MIRANDA, Wander Melo. Posfácio. In: RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 681-695.
- MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2009.
- MORAES, Denis. *O velho Graça*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- PALMEIRA, Maria Rita Sigaud Soares. *Cada história, uma sentença: narrativas contemporâneas do cárcere brasileiro*. 2009. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- RAMOS, Clara. *Mestre Graciliano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- RAMOS, Clara. *Cadeia*. Rio de Janeiro: José Olympio/Secretaria de Cultura, 1992.
- RAMOS, Graciliano. *Insônia*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- RAMOS, Graciliano. *A terra dos meninos pelados*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- RAMOS, Graciliano. *Angústia*. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- RAMOS, Ricardo. Explicação final. In: RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- RAMOS, Ricardo. *Retrato fragmentado*. São Paulo: Globo, 2011.

Fontes de Arquivo

["Iniciando estas memórias" (...) "porta do meu quarto"]. Fundo: Arquivo Graciliano Ramos. Série: Manuscritos. Título: *MEMÓRIAS DO CÁRCERE*. Localidade: [Rio de Janeiro, RJ, BRA]. Data: [1937?]. Número de folhas: 11. Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP). Código de Ref: GR-M-06.001.

A terra dos meninos pelados. Fundo: Arquivo Graciliano Ramos. Série: Manuscritos. Título: *A TERRA DÓS MENINOS PELADOS – PEQUENA HISTÓRIA DA REPÚBLICA*. Localidade: s.l. Data: s.d. Número de folhas: 19. Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP). Código de Ref: GR-M-04.01.

"Alagoas". (Relação de nomes). Fundo: Arquivo Graciliano Ramos. Série: Manuscritos. Título: *MEMÓRIAS DO CÁRCERE*. Localidade: s.l. Data: s.d. Número de folhas: 1. Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP). Código de Ref: GR-M-06.005.

"Colônia Correccional". (Relação de nomes). Fundo: Arquivo Graciliano Ramos. Série: Manuscritos. Título: *MEMÓRIAS DO CÁRCERE*. Localidade: s.l. Data: s.d. Número de folhas: 1. Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP). Código de Ref: GR-M-06.003.

"Pavilhão dos Primários". (Relação de nomes). Fundo: Arquivo Graciliano Ramos. Série: Manuscritos. Título: *MEMÓRIAS DO CÁRCERE*. Localidade: s.l. Data: s.d. Número de folhas: 2. Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP). Código de Ref: GR-M-06.002.

"Rio-Grande-do-Norte". (Relação de nomes). Fundo: Arquivo Graciliano Ramos. Série: Manuscritos. Título: *MEMÓRIAS DO CÁRCERE*. Localidade: s.l. Data: s.d. Número de folhas: 1. Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP). Código de Ref: GR-M-06.006.

"Sala da Capela". (Relação de nomes). Fundo: Arquivo Graciliano Ramos. Série: Manuscritos. Título: *MEMÓRIAS DO CÁRCERE*. Localidade: s.l. Data: s.d. Número de folhas: 1. Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP). Código de Ref: GR-M-06.004.